

As orações introduzidas por *des(de) que* na história do português

Alexandra Fiéis & Maria Lobo
Universidade Nova de Lisboa

1. Introdução

No português europeu contemporâneo (PEC), alguns conectores de orações adverbiais são semanticamente ambíguos, podendo introduzir orações com diferentes valores. Um desses conectores é *desde que*, que pode ter valor temporal ou condicional consoante o contexto. No primeiro caso, *desde que* é seguido de verbo no indicativo e a oração temporal localiza a situação da oração principal como sendo posterior à situação da oração subordinada; no segundo caso, *desde que* é seguido de verbo no conjuntivo e ocorre em estruturas bicondicionais (cf. Peres et al., 1999). Os exemplos (1) e (2) ilustram o referido contraste:

- (1) Desde que comecei a trabalhar, a minha vida mudou.
- (2) Desde que não me impeçam, irei fazer essa viagem.

No PEC, as orações introduzidas por *desde que* ou têm leitura temporal (com indicativo) ou têm leitura condicional (com conjuntivo) (cf. (1) vs. (2)). Essa especialização de *desde que*, que associa um determinado valor à selecção de um modo particular, nem sempre se verificou na história do português.

Assim, este trabalho tem por objectivo:

- i) identificar os valores das orações introduzidas por *des(de) que* em estádios anteriores da língua e tentar perceber se algum deles pode ser considerado primitivo;
- ii) definir o momento em que os valores temporal e condicional das orações introduzidas por *des(de) que* passam a estar associados a contextos claramente distintos;
- iii) identificar as propriedades responsáveis pela definição dos diferentes valores das orações com *des(de) que*;
- iv) compreender por que razão as construções condicionais com *des(de) que* são necessariamente interpretadas como bicondicionais;
- v) perceber se há alguma propriedade sintáctica que distinga os diferentes tipos de orações com *des(de) que*.

2. As orações com *desde que* no PEC

Como foi dito acima, no PEC, as orações introduzidas por *desde que* podem ter dois valores: temporal ou condicional.

Textos Seleccionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2008, pp. 167-178

No primeiro caso, a oração com *desde que* tem o verbo no indicativo (presente ou passado) e define um intervalo de tempo que corresponde à fronteira temporal inicial do intervalo de tempo em que ocorre a situação da oração principal:

- (3) Desde que comecei a trabalhar, a minha vida mudou.

No segundo caso, a oração com *desde que* tem o verbo no presente ou imperfeito do conjuntivo e ocorre em estruturas bicondicionais:

- (4) Desde que não me impeçam, irei fazer essa viagem.

Tal como acontece com outras orações temporais, também as orações com *desde que* apresentam restrições aspectuais quer relativamente à situação da oração subordinada, quer relativamente à situação da oração principal. Conforme descrito em Mória (1995), em PEC *desde* não se combina com situações que correspondem a eventos instantâneos (*achievements*) ou a eventos culminados (*accomplishments*), a não ser quando existe uma quantificação sobre eventos (cf. (6)) ou quando é possível ter “uma interpretação durativa derivada” com eventos pontuais que dão lugar a estados resultantes (cf. (7)):

- (5) *A Ana visitou Paris desde o Verão passado. (Mória, 1995: 350)
 (6) A Ana visitou Paris várias vezes desde o Verão passado. (id.)
 (7) O Paulo mudou de opinião desde que conversou com a Ana (Mória, 1995: 353)

Estas restrições são extensíveis aos contextos em que *desde* introduz uma oração.

De um ponto de vista sintático, as orações temporais com *desde que* funcionam como orações adverbiais de predicado, ao passo que as orações com *desde que* em estruturas condicionais correspondem a orações adverbiais de frase, o que é comprovado pelo seu funcionamento relativamente a construções de clivagem e escopo da negação, por exemplo (cf. Lobo, 2003):

- (8) a. Foi desde que comecei a trabalhar que a minha vida mudou.
 b. A minha vida não mudou desde que comecei a trabalhar, mas sim desde que vim para Lisboa.
 (9) a. *É desde que não me impeçam que irei fazer essa viagem.
 b. *Não irei fazer essa viagem desde que não me impeçam, mas sim desde que o Pedro venha comigo.

Em Lobo (2003), propôs-se que as orações adverbiais de frase, em que se incluem as orações com *desde que* em estruturas bicondicionais, têm um carácter pressuposicional inerente, ausente das orações adverbiais de predicado, e não podem ser adjuntas ao domínio verbal. Nessa perspectiva, existe uma relação entre posição estrutural e interpretação da oração adverbial. Para além disso, em Lobo (2003) mostra-se que

existe uma relação entre a projecção à esquerda ou à direita de uma oração adverbial de predicado e estrutura informacional, uma vez que as orações adverbiais de predicado podem ser adjuntas na periferia esquerda da frase quando funcionam como tópicos discursivos ou quando definem um “background”.

3. As orações com *desde que* no português medieval e clássico

Vejam agora que propriedades têm as orações com *des(de) que* em estádios anteriores da língua.

3.1. *Corpora*

Para este estudo, recorreremos aos seguintes *corpora* informatizados:

– Corpus Informatizado do Português Medieval [CIPM] (textos do séc. 12 a 16):

<http://cipm.fcsh.unl.pt>¹

– Corpus Histórico do Português Tycho-Brahe [TB] (textos do séc. 15 a 19):

<http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/>²

– Corpus Electrónico do Celga – Português do Período Clássico [CEC-PPC] (textos do séc. 16 e 17): <http://www1.ci.uc.pt/celga/servicos/sec-ppc.htm>³

3.2. Análise dos dados

Na análise dos dados, considerámos os seguintes aspectos:

- i) a forma do conector;
- ii) tempo e modo verbais da oração subordinada;
- iii) valores semânticos da oração subordinada e propriedades sintáctico-semânticas associadas a cada um deles;
- iv) estatuto sintáctico da oração subordinada.

3.2.1. A forma do conector

Quanto à forma assumida pelo conector que introduz estas orações, verificamos que, no português medieval, só se encontram as formas *des que* ou *desque*. Nos séculos 16 e 17, encontramos alternância entre *des que* e *desde que*. É apenas a partir do século 18 que encontramos estabilizada a forma *desde que*.

Em variedades não standard do português, sobrevive, contudo, a forma arcaica *des que*, como se pode ver nos seguintes exemplos, extraídos do Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin.php):

¹ Foram considerados apenas os textos em prosa.

² Foram considerados apenas os textos em prosa.

³ Foram considerados apenas os textos em prosa.

- (10) ia-se para cima, porque eles ao depois, dêz que estão os porcos já mortos, tratam (..) de lavar um lado, não é? [Cordial – PFT13]
 (11) Dêz que fica coalhada, a gente chama-lhe gelo. [Cordial – SRP03]
 (12) Dêz que ela virou contra mim é que vi bem que era uma raposa. [Cordial – LAR02]
 (13) O veterinário, dêz que conheça a moléstia, aplica-lhe uma injeccção, cura o animal. [Cordial – STJ65]

3.2.2. Tempo e modo na oração subordinada

Relativamente aos tempos e modos verbais que podem ocorrer na oração subordinada, encontramos do s. 13 ao s. 16 quer o indicativo (presente, pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), quer o conjuntivo (presente, imperfeito, futuro).

Nessas orações, o intervalo de tempo descrito pode ser anterior ao tempo da enunciação (com o pretérito), posterior ao tempo da enunciação (com o futuro do conjuntivo) ou ter um valor genérico (com o presente).

Apresentamos, de seguida, alguns exemplos ilustrativos:

- presente do indicativo

- (14) E esto he **des que da~ o degredo ao alcaide** [CIPM 1331-1347 CS3]
 (15) **desde que a cena começa**, até que acaba, não se vê mais do que um fingimento de acções e de figuras [TB – 1705 Aires]

- pretérito perfeito do indicativo

- (16) e este usu e este custume auemos nos **des que a terra foy pobrada** [CIPM – 1267 FG2]
 (17) Subiram todos intrépidos por ãa e outra escada do Paço, já com as armas prontas, e dispostos para ver a cara ao mais estupendo transe em que **desde que hove guerras no mundo** se viu o coração humano. [CEC-PPC – s. 17 RA16]

- pretérito imperfeito do indicativo

- (18) E em seendo moço pequeno aconteceo gram cajam a seu padre dom Fernam Rodriguez, porque u~a covilheiro de sa molher dona Estevainha fazia mal com u~u peom, e ia cada dia ao serão a el, a u~u pomar **des que se deitava sa senhor**, e levava cada dia o pelote de sa senhor vestido. [CIPM – s. 14 NLL012]
 (19) E que **des que se os home~s acordavam**, sempre os Reis de Castella tiveram sogeitas as de Purtuguall, quoamdo as myster aviam pera seu serviço. [CIPM – s. 15 CDJI2]

- pretérito mais-que-perfeito do indicativo

(20) aqueles que filharã as presurias nouas **des que Serpa fora filhada a Mouros aca.** ou filhassem que llis nõ ualessem des aquel te~po auãte [CIPM – 1273 CA019]

(21) Dez anos corriam, **desde que a Divina Providência ordenara**, que Portugal, depois de 60 anos de alheio domínio, se restituísse ao seu natural Senhor [TB – 1675 Barros]

- presente do conjuntivo

(22) Oo senhor nõ alongues de my~ a tua ajuda mais abaixa a my~ a tua orelha da tua misericórdia ca **des que eu prove e mingado receber o teu corpo precioso** logo serey farto. [CIPM – s. 13/14 VS4]

(23) **Desde que a constipação se apresente**, ao primeiro calafrio, deve-se logo vestir uma camisa ou uma camisola de lã e fazer exercício a pé até tanspirar. [TB – 1836, Ortigão, Cartas a Emília]

- imperfeito do conjuntivo

(24) e que elRei **desque o visse** averia piedade delle. [CIPM – s. 15 CDPI]

- futuro do conjuntivo

(25) e **des que Martin perez e sa moller Amada martijz fore~ pasados deste mu~do** deue remaecer o casal co~ toda sa be~feytoría quite e liure e en paz ao moesteiro de Pedrosso [CIPM – 1279 DN014]

(26) e **desde que me levarem a enterrar** logo te tornas [TB – 1435-1517 Galvão]

O seguinte quadro resume os tempos verbais encontrados nas orações subordinadas com *desde que* nos *corpora* consultados:

	Pres. Conj.	Imp. Conj.	Futuro Conj.	Pres. Indic.	Imp. Indic.	Perf. Indic.	M-Q-P Indic.
s. 13	√	√	√	√		√	√
s. 14	√	√	√	√	√	√	√
s. 15		√	√	√	√	√	√
s. 16	√			√		√	
s. 17				√		√	√
s. 18				√		√	√
s. 19	√			√	√	√	√

Quadro 1: Tempos verbais em orações com *des(de) que*

O facto de não assinalarmos a existência de presente do conjuntivo, imperfeito do conjuntivo e imperfeito do indicativo nos séculos 16 a 19 não significa que essas formas verbais não existam. De facto, através da consulta de outras fontes, podemos afirmar que existem alguns exemplos atestados. Relativamente ao futuro do conjuntivo, pelo contrário, não foram encontradas quaisquer ocorrências.

No quadro abaixo, apresentamos dados relativos à frequência dos diferentes tempos verbais por período:

	Português Medieval	Português Clássico
Presente indicativo	75 / 530	25 / 93
Pretérito perfeito indicativo	262 / 530	60 / 93
Pretérito Imperfeito do indicativo	4 / 530	2 / 93
Pretérito mais-que-perfeito do indic.	13 / 530	2 / 93
Presente do conjuntivo	1 / 530	3 / 93
Pretérito Imperfeito do conjuntivo	23 / 530	0 / 93
Futuro do conjuntivo	152 / 530	1 / 93

Quadro 2: Frequência de tempos verbais em orações com *des(de) que*

Relativamente aos dados apresentados acima, podemos fazer as seguintes observações:

- i) o futuro do conjuntivo é muito frequente no português medieval nestas orações – 152/530 ocorrências no CIPM;
- ii) o presente e imperfeito do conjuntivo ocorrem com uma frequência muito inferior à do futuro do conjuntivo no português medieval – 1/530 ocorrências de presente do conjuntivo e 23/530 ocorrências de pretérito imperfeito do conjuntivo no CIPM;
- iii) o uso do futuro do conjuntivo nestas orações desaparece a partir do s. 16;
- iv) os tempos do indicativo parecem manter-se inalterados durante o período medieval e clássico.

3.2.3. Valor temporal

As orações com *des(de) que* no PM têm um valor temporal em grande medida semelhante ao do PEC. Contudo, em PM este valor obtém-se não só com os tempos do indicativo, mas também com os tempos do conjuntivo, principalmente o futuro.

Como mostram os exemplos (27) e (28), podem ocorrer o presente e o imperfeito do conjuntivo em orações com valor claramente temporal:

- (27) Oo senhor nõ alongues de my~ a tua ajuda mais abaixa a my~ a tua orelha da tua misericórdia ca **des que eu prove e mingado receber o teu corpo precioso** logo serey farto. [CIPM – s. 13/14 VS4]
- (28) E entom todos se acordarom que na criaçom dos caães, assi alaãos como sabujos, tam bem en sendo piquenos como grandes, que todos se devessem de

pensar en esta guisa: **des que os cadelinhos fossem caães**, que lhes ouvessem a dar a comer [CIPM – s. 14 LM]

O futuro do conjuntivo está geralmente associado a contextos em que a situação ocorre num intervalo de tempo posterior ao tempo da enunciação. Contemporaneamente, nesses contextos teríamos orações com *quando* ou *a partir do momento em que* para o mesmo valor:

- (29) Pero non deslouvam os monteiros que, **des que os allaños trouverem colares**, de os tragerem nas treellas pellos começarem a ensinar a andar en ellas. [CIPM – s. 14 LM]

Uma outra diferença entre o PM e o PEC prende-se com as restrições aspectuais que este tipo de orações manifesta relativamente à situação da oração principal. Como foi dito acima, no PEC *desde* não se combina com situações que correspondem a eventos instantâneos (*achievements*) ou a eventos culminados (*accomplishments*), a não ser quando existe uma quantificação sobre eventos ou quando é possível ter “uma interpretação durativa derivada” com eventos pontuais que dão lugar a estados resultantes (cf. Mória, 1995).

Contudo, nos textos do s. 13 a 16, é frequente a combinação de orações com *des(de) que* com eventos instantâneos ou com eventos culminados na oração principal mesmo quando não há quantificação sobre eventos. Neste contexto, as orações com *des que* correspondem a orações com *depois que* ou *quando* (ver Silva Dias, 1970). Por exemplo, em (31), *desde* combina-se com eventos não durativos *endereçou para o leito*, *chantou o cutelo em ela e matou-a*, não podendo, por conseguinte ter a interpretação contemporânea:

- (30) E, **des que tomou estas villas**, tornou-se pera Coimbra [CIPM – s. 14 CGE]
 (31) E **des que Fernam Rodriguez matou o peom**, endereçou pera o leito u jazia sa mulher dormindo com seu filho, e chantou o cuitelo em ela e matou-a [CIPM – s.14 NLL012]
 (32) Este Pedr^oAfonso Ribeiro, **des que lhe morreo esta dona Alda Marti-iz Curutela**, suso dita, casou el depois com u~a cidadãa do Porto mui rica, que havia nome dona Moor, a Farpada. [CIPM – s. 14 NLL033]
 (33) E **des que comeram e ffolguaram**, espediosse a Rainha de seu padre e della [CIPM – s. 15 CDJ12]
 (34) Os embaixadores, **des que todo ouviraõ**, disseram ao Duque que elles aviaõ bem emtemdido quoamto por sua parte fora preposto, mas que elles se afirmavaõ no queja amte tinhaõ dito [CIPM – s. 15 CDJ12]
 (35) **Desde que Dom Eguas acabou de falar** ficou El-Rei muito irado [TB – 1435-1517 Galvão]

A partir do s. 17, nos dados observados não parece haver diferenças significativas relativamente ao PEC.

3.2.4. Valor condicional

No PEC, as orações introduzidas por *desde que* só podem ocorrer em construções condicionais quando temos o conjuntivo presente ou imperfeito na oração subordinada:

(36) **Desde que chegues cedo**, podemos ir passear.

No PM, não há orações com *desde que* que tenham um valor condicional explícito. Encontramos contextos em que há ambiguidade entre valor temporal e condicional, geralmente associados aos tempos do conjuntivo:

- (37) costume é que quen enquisa nomear & lhj diser a outra parte ca metera outra en seu logo que no~ posa ja outra dizer **des que nomear as duas** [CIPM – 1294 CS1]
- (38) Costume h(e) dos almotações q(ue) deue~ a leuar de cóomha **des q(ue) almotaçare~ pescado. ou vi-o. ou c(ar)ne. ou pa~.** se a britare~ #5 soldos [CIPM – 1331-1347 CS3]
- (39) Oo senhor no~ alongues de my~ a tua ajuda mais abaixa a my~ a tua orelha da tua misericórdia ca **des que eu prove e mingado receber o teu corpo precioso** logo serey farto [CIPM – s.13/14 VS4]
- (40) Custume he dos comêdeiros que deuẽ dar os homens a dereito. **des que lho pidirẽ.** [CIPM – 1350ca CS4]
- (41) E o que dissemos, que lhe desse logo con a azcuma, esto he por o alaão sentir que he acorrido daquelle que o poem e, **des que lhe der a primeira azcumada**, non lhe dê mays porque he porca [CIPM – séc. 14 LM]
- (42) muito mais pouco o poderees fazer **des que tall poder nam tiverdes.** [CIPM – s.15 CDJI2]

Só tardiamente encontraremos atestado o uso de *desde que* em construções com um valor claramente condicional:

- (43) Dar-te-ei, se quiseres, artigos críticos ou históricos, **desde que marques o formato e número de páginas disponíveis.** [TB – 1845 Eça de Queirós]
- (44) mas a política é movida por cordéis tão sórdidos, que tudo é possível, **desde que não falem as mãos sórdidas para os puxar** [TB – 1845 Eça de Queirós]

Este uso, que se verifica sobretudo a partir do s. 19, acompanha o aumento da frequência do presente do conjuntivo.

Como explicar a passagem de um valor temporal para um valor condicional?

Embora no PM *des que* ocorra em construções que não têm um valor claramente condicional, essa leitura secundária é potenciada por diferentes fenómenos: i) o modo conjuntivo na subordinada; ii) o tempo futuro na oração principal (cf. (42)); iii) verbos modais como *dever* e *poder* na oração principal (cf. (37), (38), (40) e (42)).

Para além disso, o facto de *desde que* funcionar originariamente como um conector temporal delimitativo (=a partir do momento em que) explica possivelmente que as construções em que *desde que* ocorre correspondam a construções bicondicionais. Estas construções parecem envolver uma pressuposição diferente das construções monocondicionais, uma vez que tomam o antecedente da condicional como um dado adquirido (“se e só se”) e não como uma mera hipótese (“se”).

3.2.5. Valor explicativo

Para além dos valores temporal e condicional, no *corpus* que analisámos encontramos também orações com *des(de) que* com valor explicativo, valor esse que não existe no PEC standard. Os seguintes exemplos ilustram esse facto:

- (45) E esta melhorãça desto he quando Nostro Senhor Ihesu Cristo doendosse ssegu~do home~ e aue~do piadade ssegu~do Deus rressuçita per peendença aquelles que iaze~ en pecados mortães hu cherã mal as almas **des que ssom cõrrõpudas polos erros que faze~**, assi como o corpo de Sam Lazaro era corõpudo pelos humores que sse desatauã en elle. [CIPM – 1350ca PP]
- (46) e **des que vio que lhe o conde nom rrespondeo como ell queria**, partio de Simancas e foisse pera Çamora [CIPM – s.15 CDF]
- (47) Depois refleti que tu mesmo deverias ter pensado que **desde que eu tinha um jornal** – tinhas tu também um jornal, e que a oferta era pois uma muito desnecessária cerimónia. [TB – 1845 Eça de Queirós]
- (48) E não fiquei pouco surpreendido quando me dizem de lá que o Franco mostrava pouca vontade de fazer a mercê – **desde que ela lhe era pedida pelo Carlos!** [TB – 1845 Eça de Queirós]
- (49) **Desde que além de fracos, além de pequenos e insignificantes, temos de acabar como pulhas**, o melhor é meter-se cada qual na sua concha, onde ao menos se pode sentir a consciência do isolamento honesto. [TB – 1845 Eça de Queirós]
- (50) Mas penso que, com o teu nome por baixo, ou sem o teu nome, uma série de artigos, que pusessem bem claramente o problema e que o deslindassem era um serviço público, desses a que ninguém se pode eximir, **desde que tem o dom superior de os poder prestar.** [TB – 1845 Eça de Queirós]

A passagem de um valor temporal para um valor explicativo não é estranha, uma vez que a relação de causalidade implica uma relação entre duas situações, em que uma é anterior à outra. O mesmo fenómeno ocorre, por exemplo, no PEC, com o conector *uma vez que*, que pode ter um valor temporal ou explicativo:

- (51) Uma vez que tiveste febre muito alta, tive de te levar às urgências. (temporal)
- (52) Uma vez que tens tanta febre, é melhor ficares em casa. (explicativo)

No caso de *desde que*, no entanto, o valor explicativo parece já não ter expressão no PEC.

3.2.6. Estatuto sintáctico da oração adverbial

Os critérios para a identificação da classe sintáctica de adjuntos a que pertencem as orações com *desde que*, no PEC, são difíceis de aplicar quando consideramos dados de *corpora*, que não podemos manipular. Na ausência de indicadores precisos sobre o estatuto da oração adverbial (tais como ocorrência em estruturas clivadas, ocorrência em resposta a interrogativas...), resta-nos olhar para a posição da oração subordinada relativamente à oração principal, o que nem sempre é muito esclarecedor.

No PM, à semelhança do que acontece no PEC, as orações com *des(de) que* podem ocorrer quer à direita (cf. (53)-(54)), quer à esquerda da oração principal (cf. (55)-(59)), podendo, apenas neste último caso, ser seguidas facultativamente do complementador *que*:

- (53) E esto deue a sseer **des que ouer feyta peende~ça** [CIPM – 1350 ca PP]
- (54) e andar sempre com elrei dom Henrique, **des que fugira de Portugall por rrazom da morte de dona Enes.** [CIPM – s.15 CDF]
- (55) ca, **des que pello chover corre este vento con esta força**, que, non embargando esto, que se non leixa de saber esto de que horas he [CIPM – s.14 LM]
- (56) E, **des que Adam foy en aquel logar de Val d-Abram**, que começou de mover a terra con suas mãos con fustes e começou de sementar daquellas sementes que lhe Deus dera [CIPM – s.14 LM]
- (57) **des que lhe der a primeira azumada**, non lhe dê mays porque he porca [CIPM – s.14 LM]
- (58) **Des que ella rreinou**, apremderom as molheres teer novos geitos com seus maridos [CIPM – s.15 CDJ11]
- (59) E **des que o ouer acordado** ha o el de meter primeyrame~te en seu liuro, dessy en todolos outros da terra sobre que el ouer poder e senhoryo. [CIPM – 1350 ca PP]

As orações com *des(de) que* podem ainda ocorrer adjuntas a uma oração subordinada (cf. (60)-(62)) em posição inicial, facultativamente em estruturas de recomplementação (cf. (61) e (62)):

- (60) E outrosy deffendemos que des que yguar o gaanho cono cabedal, daly adeante nõ gaanhhe nen renoue carta subr'elha ata que seya o ano conprido ne~ outro preyto enganoso sobre esto por enganar de cabo. [CIPM – 1280? FR]
- (61) Custume he de toda-las barcas grandes do aliariffe que des que deitar a rrede no rrio que nõ deue outra barca deitar aliariffe. atráa que aquela primeira nõ tíre. [CIPM – 1350 ca CS4]
- (62) E, se hy non ouver de cavallo que o possa matar, entom faça muyto que, des que o porco sair, que saya deante aa travessa por onde o porco passar [CIPM – s.14 LM]

Se assumirmos que a categoria funcional C, que alberga o complementador *que*, pode ser recursiva, verificamos que as orações com *desde que* em posição inicial ocupam uma posição periférica na estrutura da frase.

Embora, no PEC, as orações temporais com *desde que* funcionem globalmente como orações adverbiais de predicado e as orações condicionais com *desde que* funcionem como adverbiais de frase, no PM não é possível estabelecer uma relação clara entre interpretação e posição, quer pela impossibilidade de manipular os dados, quer pela ambiguidade da maioria dos exemplos.

4. Conclusões

Concluindo, podemos observar que:

i) nos textos mais antigos não existe uma especialização de *des(de) que* no sentido de associar tempo e modo verbal e valor da construção, tendo o conector um valor ambíguo entre o temporal e o condicional;

ii) é possível encontrar marginalmente até ao s. 19 orações introduzidas por *des(de) que* com valor explicativo;

iii) no português medieval, as orações com *des(de) que* podem ter um valor idêntico ao de orações com *depois que* ou *quando*, combinando-se com eventos instantâneos ou com eventos culminados na oração principal;

iv) o futuro do conjuntivo, frequente até ao s. 15, deixa de ocorrer nas orações introduzidas por *des(de) que*;

v) a partir do s. 19, as orações com *desde que* passam a especializar-se num valor exclusivamente condicional quando o verbo está no presente do conjuntivo;

vi) o valor bicondicional das construções com *desde que* no PEC poderá decorrer do facto de a oração temporal que lhe está na base ser uma oração que descreve uma situação que é necessariamente anterior à situação da oração principal, e, portanto, tomada como pressuposta/necessária na construção do valor condicional (“se e só se”);

vii) embora não tenha sido possível determinar se orações introduzidas por *des(de) que* com diferentes valores têm um diferente estatuto sintáctico nos textos mais antigos, não encontramos diferenças significativas quanto à posição que a oração subordinada ocupa relativamente à principal: são possíveis a posição inicial e a posição final, e a dependência de uma subordinada;

viii) tal como está descrito para outros casos de conectores com plurifuncionalidade semântica (cf. Kortmann, 1997; e.o.), o conector *desde que* segue o mesmo percurso de outros conectores: partindo de um valor temporal básico, pode assumir valores como os causais-condicionais-concessivos, ao passo que o contrário não se verifica.

Referências

- Kortmann, B. (1997) *Adverbial Subordination*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Lobo, M. (2003) *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*, Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Móia, T. (1995) Aspectos da Semântica das Expressões Temporais com *Desde e Até* – Questões de *Aktionsart*. *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Évora 1994)*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 341-358.
- Peres, J. et al. (1999) Sobre a forma e o sentido das construções condicionais em português. In I. H. Faria (org.) *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Ed. Cosmos/FLUL, pp. 627-653.
- Silva Dias, A. Epiphany (1970) *Syntaxe Historica Portuguesa*. Lisboa: Liv. Clássica Ed.